

# “PT ainda está na década de 80”

*O vendaval argentino deve sossegar pelo menos até outubro, quando as eleições podem redefinir o quadro político. Até lá, o plano de Domingo Cavallo pode garantir um mínimo de decoro orçamentário que dissipe o nervosismo das últimas semanas. Aqui, além da crise argentina e da extensão do racionamento, há a incerteza do calendário político: a eleição para presidente da República em 2002. O economista Edmar Bacha, tucano matriculado no PSDB, acha que o programa do PT acerta nos alvos - balanço de pagamentos, equilíbrio fiscal e manutenção da estabilidade da moeda - mas erra feio nos remédios que prescreve. “O PT quer endurecer com credores externos e internos e fala em controle de preços. É a volta ao Brasil de 20 anos atrás”, diz. O problema do Brasil não é de dívida externa, mas de no*

*mínimo dobrar suas exportações, nem de dívida interna, mas de reforma tributária, acredita. Itamar Franco, segundo Bacha, é “engraçado”. “O governo dele estava caindo e foi salvo por Fernando Henrique. E agora ele diz que é pai do real...”, diz. Como candidato, Delfim Neto é uma “piada”, embora a lei e a ordem ainda precisem de seu candidato. Pedro Malan seria último “se fosse candidato, mas não é”. José Serra é “bom”, o que diz com riso protocolar. Prefere Geraldo Alckmin, discreto governador, ainda ilustre desconhecido do eleitorado fora de São Paulo. A eleição vai acontecer sem maiores sobressaltos, se o raciocínio não avançar por 2002 e o Brasil conseguir fazer um novo acordo com o FMI que permita ao país conseguir os US\$ 60 bilhões para fechar suas contas.*

FERNANDO THOMPSON E KATIA LUANE

— É um pavoroso pesadelo, mas digamos que o Sr. estivesse hoje no lugar de Domingo Cavallo. O que faria?

— Uma coisa aprendi com a vida. Não se pode em economia fazer nada dissonante com a situação política. Agora, portanto, não há muito a fazer a não ser esperar as eleições de outubro para ver quem é que manda no país. Só lá sabemos se Raul Alfonsín, adversário do presidente De La Rúa, conseguiu se eleger senador e que repercussão isso terá.

— E a Argentina, agüenta até outubro?

— Agüenta. Com os cortes feitos, o orçamento ficará equilibrado. Os problemas de liquidez são resolvidos.

— Mas por quanto tempo? Ainda há muitas incertezas, como a dificuldade do governo para troca de Letras do Tesouro?

— São US\$ 5 bilhões de Letras do Tesouro. É pouco perto do volume de recursos do orçamento ou da disponibilidade dos bancos. Ninguém vai quebrar por causa disso.

— Daqui até outubro o que poderá acontecer com o Brasil?

— Acho que o mercado vai se tranquilizar. O país não precisa, em condições mais ou menos normais, de uma taxa de câmbio de R\$ 2,50 para equilibrar suas contas externas. Mas a tranquilidade virá especialmente se o Brasil resolver que vai ao FMI preventivamente para fazer um novo acordo. Isso indiretamente ajuda também à Argentina, porque estamos num círculo vicioso. Eles vão mal, nós desvalorizamos o real, o que é pior para eles.

— O Banco Central foi criticado por ter demorado a reagir ao nervosismo do mercado. Depois também foi condenado por ter falado nos US\$ 6 bilhões para deter a alta do dólar. Que avaliação o Sr. faz da ação do BC?

— O mercado fica histórico achando que a Argentina vai quebrar. A primeira preocupação do Armínio (Fraga, presidente do BC) foi em fechar o buraco do fluxo das contas externas. Depois, foi avisar que o Banco Central iria fazer intervenções pontuais em momentos de pânico. E isso é o que foi feito. É impossível prover hedge (seguros contra flutuações cambiais) para todo mundo, pois estamos falando em US\$ 120 bilhões de dívida privada e mais US\$ 150 bilhões de “equity” de multinacionais no Brasil.

— Por que um acordo prévio do Brasil com o FMI seria importante?

— A Argentina não é a única questão. Temos o

problema da rolagem da nossa dívida em 2002.

— De quanto efetivamente o Brasil pode precisar do FMI?

— De uns US\$ 20 bilhões.

— Por quê?

— Para fechar as

contas ano que

“O mercado fica histórico achando que a Argentina vai quebrar. Mas a tranquilidade virá se o Brasil resolver que vai ao FMI para fazer um novo acordo”

vem vamos precisar de algo como US\$ 60 bilhões de dólares. Deste total, calculo que US\$ 20 bilhões virão de investimentos estrangeiros diretos no país. Essa tem sido a média de investimentos nos últimos três anos, já descontados os ingressos por causa de privatizações. Portanto, parece razoável pensar neste número. Outros US\$ 15 bilhões virão acoplados a financiamentos das importações. Vamos precisar então US\$ 25 bilhões, para completar os US\$ 60 bilhões. Se o FMI entrar com US\$ 20 bilhões, que efetivamente sejam postos à disposição do Brasil, vão faltar apenas US\$ 5 bilhões. Esquece. Isso não é problema.

— Por que até agora não se falava em novo acordo com o FMI?

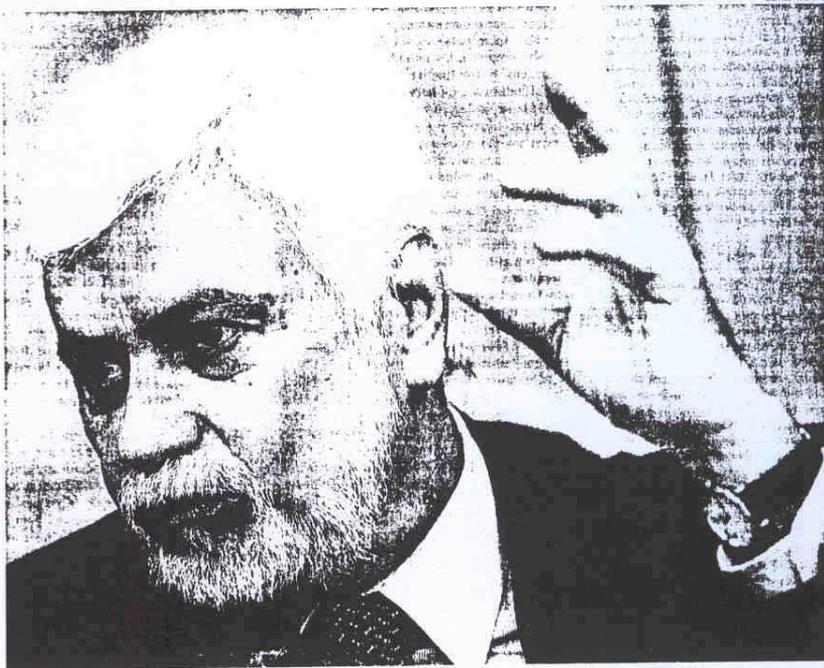
— Porque não havia crise de energia. A Argentina

“O PT quer resolver o problema do balanço de pagamentos com uma negociação dura com os credores. Eles ainda estão nas lutas do Brasil da década de 80”

beremos se o racionamento vai entrar por 2002 em dezembro, depois das primeiras chuvas. O outro é a eleição do novo presidente.

— O que o Sr. achou do programa econômico do PT?

— Acho que eles acertaram no continente, mas continuam errando no conteúdo. O que é acertar no continente? É discutir concretamente os pro-



blemas que temos: balanço de pagamentos, equilíbrio fiscal e manutenção da estabilidade da moeda. Mas o que eles querem fazer em cada uma destas áreas é completamente equivocada.

— Por quê?

— O PT quer resolver o problema do balanço de pagamentos com uma negociação dura com os credores. Nós vamos a lugar nenhum tratando o balanço de pagamentos como um problema de dívida. É um problema de promoção de exportações. O Brasil precisa exportar duas vezes o que exporta. Se fizermos isso, estaremos numa situação parecida com a do México ou do Chile, que é muito melhor. O México compatibilizou suas aberturas financeiras com uma enorme abertura comercial e triplicou suas exportações. Mas ninguém está preocupado com México. A dívida brasileira é quatro vezes maior do que nossas exportações. A da Argentina, cinco vezes. A do México? Não dá nem uma.

— E o problema fiscal?

— O PT quer estabelecer limites para o pagamento de juros. De novo a questão é a dívida e não a reestruturação da função de governo, de um lado, e a reforma tributária de outro. O PT quer manter o sistema de metas inflacionárias. Mas, se você trata mal credores externos e credores internos, fica difícil cumprir metas inflacionárias. Em suma, vamos voltar 20 anos na história. Eles ainda estão nas lutas do Brasil da década de 80. O palavrado do programa desemboca em controle de preços!

— Por que não conseguimos dar saltos nas exportações?

— Porque continuamos protegendo o mercado interno e as indústrias brasileiras só exportam as sobras. Internamente as margens são quatro vezes maiores do que com as exportações. Pergunte ao Antônio Ermírio quanto ele exporta?

— O Brasil não é mais a oitava maior economia do mundo. É a nona. Perdeu o oitavo lugar para o México. Mas este México que o Sr. elogia pode ser modelo para o Brasil?

— O México tem um problema de bom tamanho. Os impostos correspondem a 11% do PIB (no Brasil a proporção é de 32%). De onde vem a grana, então? Da Pemex (estatal de petróleo). O problema de reforma fiscal do México é muito mais sério do que o nosso.

— O que o Sr. imagina que será o programa de Itamar Franco?

— Itamar teve três ministros da Fazenda — Gustavo Krause, Paulo Haddad e Elizeu Rezendes. O governo dele estava caindo. O que ele fez sabidamente foi entregar o governo a Fernando Henrique. E o Fernando Henrique salvou o governo dele. Agora ele vem dizer que é o pai do real. Engraçado...

— E o programa de Ciro Gomes?

— Não tenho nenhuma opinião. Quando ele publicar alguma coisa, teré. Não sabemos quem

são os economistas que assessoram Ciro. Sabemos que são os assessores filosóficos, políticos, sociais.

— Que lhe parece a candidatura Delfim Neto?

— Uma piada. Obviamente há uma demanda por lei e ordem. Ainda não temos o candidato da direita.

— O espaço de centro-direita não seria de Pedro Malan. Ele é um bom nome?

— Acho um excelente candidato. Existe uma demanda no país por princípios éticos. A imagem de seriedade, integridade e honestidade que ele passa seria suficiente. Isso ele passaria como candidato. Mas não vai ser candidato.

— E José Serra?

— É um bom candidato (risos).

— Como tucano matriculado no PSDB o Sr. escolheria quem?

— Geraldo Alckmin.

— Alckmin?

— É um bom nome para o governo de São Paulo.

— Por que não para presidente da República?

— O Sr. trabalhou para o governo. Que balanço faz do governo e o que deu errado?

— Este governo fez uma revolução.

— Que revolução?

— A revolução da estabilidade da moeda, do retorno da produtividade, que perdemos ao longo de décadas de economia fechada, estatizada e inflacionada.

— O que faltou?

— Faltou a privatização do setor elétrico. O governo não avançou na reforma tributária. E por quê? Porque, por um lado, ficou com medo de perder dinheiro. De outro, é muito difícil conversar com os estados sobre o assunto, como estamos vendo agora. Na verdade, quem errou foi o Brasil.

— O Sr. acha que estabilidade da moeda é argumento suficiente para eleger um sucessor de FH em meio à crise de energia?

— Não tenho certeza.

— Ouvimos falar toda hora dos humores do mercado. Como presidente da Anbid (Associação de Bancos de Investimento), o Sr. agora é parte do “mercado”. O que é o “mercado”?

— Universalmente o mercado é o lugar onde se quer sobretudo maximizar lucros. O fenômeno que ocorreu foi a “financeirização” da economia mundial. Antes não havia um trilhão de dólares rolando no mercado de câmbio. Hoje tem. A participação do setor financeiro no PIB é muito maior. Hoje 75% do PIB americano são serviços, e dentro dos serviços o setor financeiro tem uma participação imensa. Além disso, as relações financeiras deixaram de ser internas para, progressivamente, serem globais. No Brasil temos uma dívida externa muito grande e uma alta dívida interna de curto prazo. Por esta razão o mercado ganhou tanto peso e todo mundo fica atento ao que ele pensa.

— O Sr. é de uma geração que criticou duramente a dependência externa da economia. Hoje a vulnerabilidade é muito maior. O que mudou?

— O mundo mudou. Acho que temos que trabalhar para ter uma ordem financeira internacional mais adequada do ponto de vista de países emergentes. Não temos o sistema de proteção que os países ricos montaram para si próprios. Os EUA emitem dólar. A Europa montou seu clubezinho no BIS (Bank for International Settlement, na Basileia, Suíça). O Japão tentou montar um sistema de integração monetária na Ásia. E o resto que se entenda.

— A preocupação com o mundo financeiro não fez desaparecer a discussão sobre distribuição de renda que ocupou tanto economistas como o Sr.?

— Isso é uma injustiça. Há vários economistas discutindo distribuição de renda. O Marcelo Neri, da IGV, o Ricardo Paes e Barros, do IPEA.

— Mas onde o que eles dizem sobre a pobreza e a desigualdade de renda se materializa em políticas de combate a miséria?

— Acho que o governo tem dois feitos nessa área. O primeiro é a bolsa-escola e o outro, a Comunidade Solidária.

— Neri e Paes e Barros defendem que a exemplo das metas de inflação o governo tenha metas de redução anual da pobreza. O que o Sr. acha disso?

— Concordo. Sou totalmente a favor de programas que habilitem o pobre a deixar de ser pobre. Mas devem ser programas muito bem definidos.

— O MST insiste em assentamentos caros e inúteis e não debate a ideia de um banco da terra, que é muito melhor. É preciso ter ideias pró-ativas que utilizem mecanismos de mercado?

— Mas a ideia de mercado era deixar o bolo crescer para depois distribuí-lo. Enquanto isso o povo espera?

— Crescimento sozinho não promove o fim da pobreza. Sobre isso escrevi há 30 anos. Mas também é verdade que o pobre espera e espera há muito tempo. Não vamos ter uma revolta social. O que precisamos ter é uma concepção clara da sociedade em que queremos viver.

“O Itamar teve três ministros da Fazenda. O Fernando Henrique salvou o governo dele. Agora ele vem dizer que é o pai do real?”

Engraçado... >>>

— Mas a ideia de mercado era deixar o bolo crescer para depois distribuí-lo. Enquanto isso o povo espera?

— Crescimento sozinho não promove o fim da pobreza. Sobre isso escrevi há 30 anos. Mas também é verdade que o pobre espera e espera há muito tempo. Não vamos ter uma revolta social. O que precisamos ter é uma concepção clara da sociedade em que queremos viver.